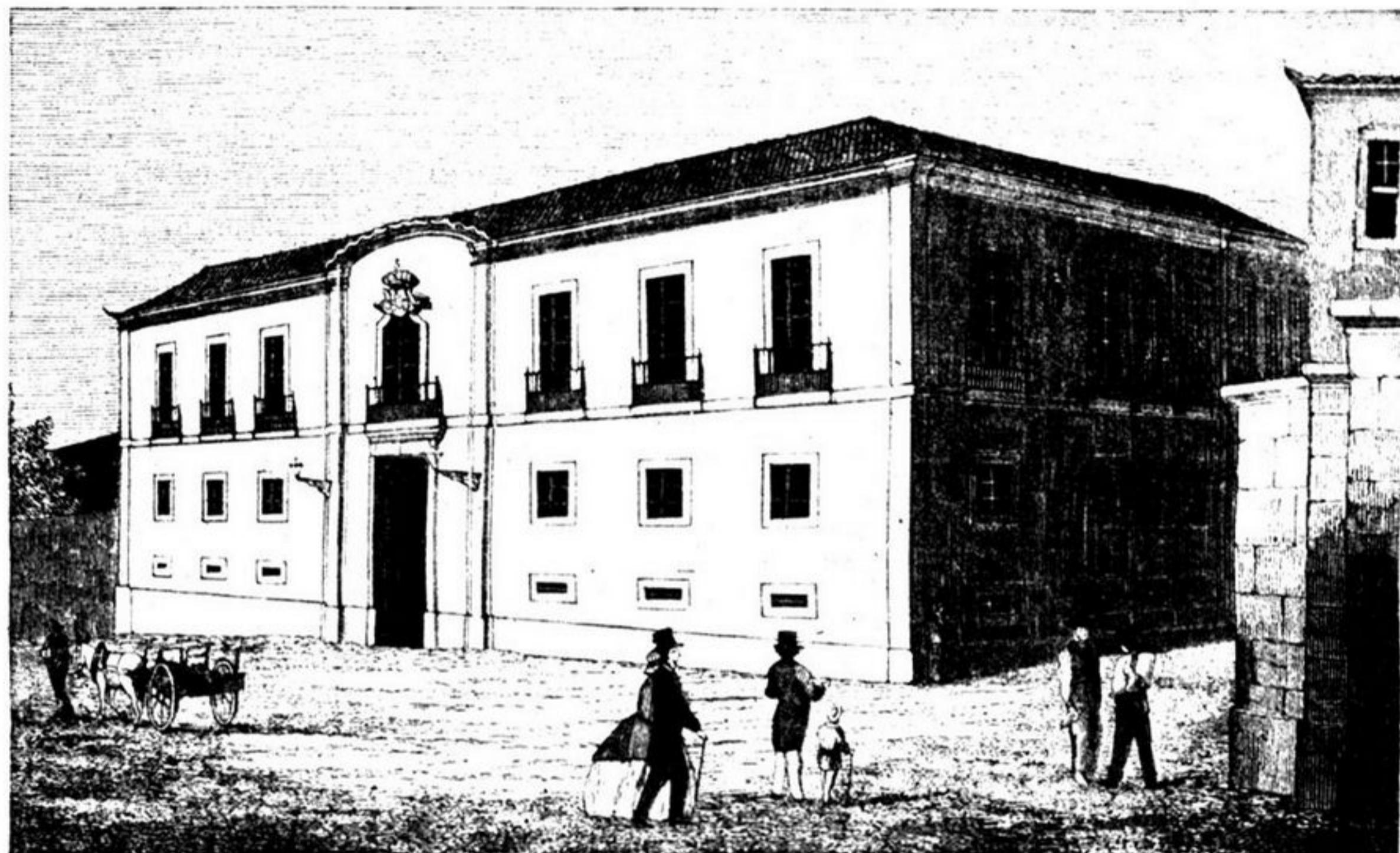


IMPRENSA NACIONAL

Resultado da poderosa iniciativa do celebre ministro de D. José I, e creada por alvará de 24 de Dezembro de 1768 com a denominação de Officina Regia Typographica, que mais tarde se transmudou na de Impressão Regia, «a Imprensa Nacional de Lisboa é hoje pela vastidão de suas officinas, pelo numero de seus operarios, e pela excellencia do seu trabalho, não só um dos mais importantes estabelecimentos publicos da capital, mas tambem o primeiro do seu genero em todo o reino.»

Com o título de *Brave noticia historica da Imprensa Nacional de Lisboa* elaborou ha annos o nosso prezado amigo F. A. d'Almeida Pereira e Sousa, zeloso e habilissimo empregado da contadaria d'aquelle casa, um valioso trabalho, que saiu publicado como appendice do *Relatorio apresentado ao Ministerio do Reino em 28 d'Abri de 1853* pelo administrador geral da mesma Imprensa o sr. conselheiro Marecos, formando-se da reunão d'estas duas peças um opusculo de 63 paginas no formato de 8.^o maximo, estampado com primor e nitidez pouco menos que inexcediveis.



Neste escripto, fructo de investigação acurada, e em paginado à vista dos registros e documentos officiaes arquivados no respectivo cartorio, conseguiu seu illustrado auctor dar uma idéa perspicua, concisa, e quanto pôde ser exacta da fundação e mecanismo da administração d'aquelle magnifico estabelecimento, das vicissitudes por que passou, e do seu incremento em diversas epochas; patenteando igualmente a sua situação actual, e os melhoramentos n'elle progressivamente realizados para attingir o grau de prosperidade em que hoje o vemos.

Ao leitor que desejar instruir-se no assumpto recomendamos esse trabalho, de cujo começo foram extraídas quasi textualmente as phrases de verdade incontestavel com que encetámos o presente artigo.

Percorrendo com attenção as paginas do referido opusculo, ver-se-ha como por uma série de alternativas, ora prosperas, ora adversas, e mediante os desvelos e sabia gerencia das ultimas administrações, esse estabelecimento para cuja fundação se tomaram em 1768 d'emprestimo ao cosre da Universidade 40:000\$000 reis, destinados para aluguer da casa, e custeamento das primeiras e indispensaveis despezas, começando a sua laboração com oito prêlos de madeira, taes como então se usavam, servidos apenas por dez operarios ao todo, encerrava em si pelo inventario geral a que se procedeu no fim de 1853, valores excedentes à 227.000\$000 reis em machinas, typos, moveis, utensilios, exemplares de obras impressas, etc., etc., sustentando a esse tempo para mais de duzentos empregados de diversas classes, em que se incluiam cento e quarenta e quatro operarios, distribuidos pelas officinas de composição e impressão, fundição de typos, lithographia e fabrica de cartas de jogar.

Nos ultimos dez annos tem-se ainda introduzido novos e importantes melhoramentos em todos os ramos; multi-

plicam-se os productos, aumentam-se os valores, e torna-se de dia em dia mais sensivel o exemplo do quanto vale a perseverança, e do quanto podem os esforços de uma direcção activa, e não menos zelosa que illustrada.

Perdoe-nos porém o digno auctor do opusculo, se apesar da sincera aflição que lhê consagramos, e do elevado conceito que nos merece a sua intelligencia, temos, por honra e credito da patria commun, de discrepar um pouco do seu parecer, na parte em que, como em todas, quizeramos estar de acôrdo. Foi isso o que mais nos impelli a traçar estas linhas. Suppõe elle que *a mais nobre das artes* (a typographica) *descahira entre nós no maior abatimento*, ao tempo em que o então conde de Oeiras concebera o projecto de revalidal-a mediante a fundação do novo estabelecimento. A asserção é, quanto a nós, inexacta, e crêmos que sem maior esforço a demonstraremos tal. Se é certo que pelos deploraveis estragos do grande terremoto, que destruiu Lisboa treze annos antes, ficaram sepultadas nas ruinas, ou reduzidas a cinzas algumas typographias, outras comtudo escaparam da catastrophe, e não poucas se erigiram logo nos annos seguintes ao do lamentavel successo.

Deitando agora um lanço de olhos para os apontamentos e noticias, já copiosas, que preparamos em tempo com o designio de organizar um dia do modo possivel os *Annaes typographicos de Portugal*, empreza que, como varias outras, a edade e desgostos nos impedem de prosseguir, observamos que não menos de onze typographias se contavam em Lisboa precisamente no anno de 1768, todas mais ou menos florescentes, e distinguindo-se entre elles algumas, que na execução dos productos que nos deixaram accusam em seus directores e operarios mais que suficiente habilidade e dedicação pela arte que professavam.

C. M. L.

GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

D'ellas faremos resenha, posto que abreviada, e tanto quanto baste para abonar de verdadeiro o que deixamos dito; servindo juntamente de commentario corroborativo da affirmativa do nosso illustre amigo, na parte em que diz que certos typographos gosavam de privilegio para a impressão dos documentos officiaes.

Guardaremos a ordem chronologica.

1. MIGUEL RODRIGUES. A sua officina era por aquelle tempo uma das melhores de Lisboa, e a mais antiga de todas, existindo anteriormente ao terremoto na rúa das Portas de Santa Catharina. D'elle achamos memorias desde 1726 até 1774, anno em que aos oitenta e dois de sua idade faz sahir de seus prelos a nova edição das *Obras* de Francisco Rodrigues Lobo, bem como dos mesmos sahiram por todo aquelle intervallo numerosas e aceiadas edições. Era impressor do cardeal patriarcha.

2. DOMINGOS GONCALVES. Imprimiu pelos annos de 1733 a 1780. Parece que n'este falecera, continuando ainda por mais alguns a officina em poder dos seus herdeiros. Era ella situada no pateo da Charidade, proximo de S. Christovão. Ahi se estamparam além de muitos livros, e relações noticiosas em prosa e verso, a maior parte das comedias chamadas de *cordel* em mui sofríveis edições.

3. MIGUEL MANESCAL DA COSTA, impressor do Santo Oficio, e descendente de outro mais antigo typographo do mesmo nome. Ha livros impressos na sua officina de 1740 em diante, até que no anno de 1768 passou a ser administrador technico da nova *Typographia Regia*, para a qual passaram igualmente a fim de servirem de nucleo os seus prelos, caracteres e mais utensilios. Cremos que a ultima obra publicada sob o seu nome foi a *Deducción chronologica e analytica*. Era tido por habilissimo impressor, e homem de muita probidade. Morreu no 1.º de Novembro de 1801.

4. OFFICINA REGIA SILVIANA, a esse tempo e desde 1740 em poder dos descendentes de José Antonio da Silva, antigo impressor da Academia Real de Historia, e em cuja typographia mui bem fornecida de tudo, se imprimiram nos reinados de D. João V e D. José I (até 1768) a maior parte das leis e documentos officiaes. Esta imprensa continuou ainda por largos annos, com algumas interrupções, até os nossos dias.

5. FRANCISCO LUIS AMENO. A sua typographia, que se honrava com a denominação de «Patriarchal» foi por elle estabelecida segundo crêmos em 1748. Competia com a de Manescal, se é que se lhe não avantajava na belleza dos tipos e vinhetas, e no bom gosto, esmero e correção das edições. Haja vista a *Vida do infante D. Henrique*, a *Vida da Madre Thereza da Annunciada*, as *Memorias das providencias dadas no terremoto*, e muitas outras obras, entre a infinitade das que este infatigavel typographo (que tambem era escriptor) produziu nos quarenta e cinco annos decorridos até o de 1793 em que se finou com 80 de idade. A officina, que depois do terremoto estivera collocada successivamente nas ruas da Procissão e do Jasmin, conservou-se ainda por alguns annos com a mesma denominação de «Patriarchal» depois da morte de Ameno.

6. MANUEL COELHO AMADO. A sua officina, que tambem pode contar-se entre as mais consideraveis d'aquele tempo, existiu em diversos locaes no Bairro-Alto, ja na travessa da Estrella, ja na rúa da Rosa, ou da Vinha etc., e começo a trabalhar ao que parece em 1750. D'ella sahiram mui boas edições. Por obito do proprietario em 1774 passou para Luis Francisco Xavier Coelho, que cuidamos ser filho, ou parente proximo de Amado. Tendo-lhe este dado a denominação de «Luisiana» tractava de amplia-la; porém pouco se gosou da posse d'ella, morrendo em 1780. Ficou então o estabelecimento a uma irmã, com a qual casou pouco depois o contra-mestre, que era Simão Thadeo Ferreira, nome assas conhecido entre os nossos typographos do seculo actual.

7. FRANCISCO BORGES DE SOUSA. Esta typographia durou ao que podemos julgar de 1757 até 1792, e estava nos ultimos tempos situada no Poço do Borratem. Era em verdade de menor consideração, e mal servida de tipos, e por muitos annos se occupava quasi exclusivamente da impressão de autos, comedias de *cordel*, e outros pa-

peis similares, cuja execução faz pouca honra à sua pericia.

8. ANTONIO VICENTE DA SILVA. Melhor que a precedente, posto que não comparavel ás de Ameno ou Manescal. Imprimiu bastantes livros e opusculos no intervallo decorrido de 1739 a 1773. Não sabemos que destino levou depois d'este ultimo anno.

9. ANTONIO RODRIGUES GALHARDO. Temos que era parente proximo, ou genro talvez de Miguel Rodrigues. Comegou a imprimir por 1761, e a obra mais antiga que temos visto de seus prelos, a serem verdadeiras as indicações, é uma edição da sentença condemnatoria do jesuíta Malagrida, no formato de 8.º pequeno, com tipos que nos parece serem fundidos em França. Foi impressor da Real Meza Censoria, e por morte de Miguel Rodrigues passou a selo também do cardeal patriarcha. Imprimiu numerosissimos livros e papeis avulsos. A sua officina estabelecida de principio na rúa de S. Bento, e depois na esquina da rúa de Santo Ambrosio, passou a final para a rúa hoje chamada da Escola Polytechnica, com entrada pela da Procissão. Ahi existia ainda ha poucos annos, em poder dos filhos e herdeiros do primeiro proprietario, que seguindo carreiras ou profissões diversas, a deixaram ir em successiva decadencia ate se extinguir de todo.

10. CAETANO FERREIRA DA COSTA. Encontramos memorias d'este impressor entre os annos de 1765 e 1778. Cumpre porém confessar, que dos seus prelos não conhecemos outros productos mais que relações avulsas, e comedias de *cordel*, e algum raro livro por exceção.

11. JOSÉ DA SILVA NAZARETH. Encontram-se memorias d'este typographo desde 1768 até 1786, sem comtudo podermos determinar se a sua officina subsistia ainda depois d'esse anno. Das muitas obras que imprimiu no mencionado periodo, lembaremos a *Historia do povo romano* por Jose Thomaz d'Aquino Barradas, tomos 1.º e 2.º, no formato de 8.º. É provavel que a imprensa passasse por sua morte para novo possuidor, cujo nome figurará talvez entre os de muitos que nos annos subsequentes a 1768 foram estabelecendo novas officinas, ou continuando com as existentes.

Poder-se-ia tornar esta resenha mais extensa, se houvessemos de addicionar-lhe os nomes de varios outros typographos, que funcionavam como taes em annos mui proximamente anteriores ou posteriores, mas de que não alcançamos certeza de que se conservassem até o de 1768, que fomosmos por ponto fixo. Taes seriam por exemplo, Ignacio Nogueira Xisto e João Antonio da Costa, que existiam de certo em 1763; Pedro Ferreira em 1763; António Isidoro da Fonseca e Manuel Antonio Monteiro de Campos em 1760; José d'Aquino Bulhões, do qual já temos obras por elle impressas em 1769, parecendo que começara n'esse anno, etc. etc. — Sem nos fazermos cargo d'estes e d'outros, nem ainda dos que pelo mesmo tempo existiam em exercicio no Porto e em Coimbra, crêmos todavia haver satisfeito de sobra ao nosso propósito, que foi simplesmente o de mostrar que a arte typographica não estava entre nós em 1768 em tão lastimoso abatimento como se pretendeu suppor.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA

OS TRES ESTADOS

O passado! A reminiscencia do passado!

Estivéra demente, e a loucura, offuscando-me a intelligencia, havia-me obliterado da memoria as impressões do preterito, as recordações de toda a minha vida?

Tinha bebido das aguas d'aquele celebrado rio que produziam, em quem as bebia, o esquecimento de tudo quanto gozara ou padecera ate alli?

Impossivel me fôra responder a taes perguntas, resolver tal duvida.

O certo é, porém, que da mente havia-me desapparecido toda a lembrança da minha vida

anterior, e até nem podia afirmar que tinha existido antes. Todavia, do mesmo modo que às vezes resoam em nossos ouvidos harmonias, que não podemos precisamente qualificar, mas que estamos convencidos já termos ouvido; assim minha alma conservava a noção de uma existência precedente, cujos factos, porém, cujas alegrias, cujas dores se desvaneceram da memória, como do crystal ou da lamina de aço se apaga o fulgor que o embaciara.

Soffreu minha alma uma melempyose pythagorica, e ao mudar de forma corpórea esqueceu o passado? Ou victimo o meu espírito de uma insolita allucinação não podia perceber os fulgores do que foi, nem a luz do futuro, no meio das densas trevas, que o cercavam por todos os lados?

Estas idéas se me agglomeravam no pensamento; cessando, porém, de meditar no segredo da minha alma, olhei em torno de mim.

Achava-me em um magnifico palacio. As paredes não eram de marmore, jaspe, ou de outra qualquer pedra que o homem arranca das pedreiras. Coisa estranha! eram de gelo! Um largo vestíbulo profusamente illuminado por enormes candelabros de bronze, cada um com cem luzes de gaz, e cujo pavimento era forrado de bocadinhos de preciosas madeiras, dava acesso a uma sumptuosa escada, guarneida de grandes e custosas jarras com plantas de desconhecidos climas. No cimo d'essa escada via-se uma longa e espaçosa galeria, alcatifada com tapetes da Persia, illuminada *à giorno* e na qual se agrupava uma multidão de criados com soberbas libres bordadas a oiro, e cabelleiras empoadas. De ambos os lados da galeria as paredes permittiam, pela sua transparencia, admirar a magnificencia nunca vista, de uma serie de imensos salões de baile, onde a vista se sentia deslumbrada pelo brilho da luz que brotava dos bicos das lampadas de oiro, e que reflectindo no gelo das paredes adquiria nova força e intensidade. Em torno dos salões havia commodos divans forrados de pelle de martha para os pares descançarem das danças. A atmosphera que alli se respirava era suavemente temperada por ocultos caloriferos; e estranhos, porém, dulcissimos aromas deliciavam o olfato.

Eu discorria pelas salas com uma bandeja de ouro na mão coberta de finissimos doces, vendo reflectir no gelo das paredes a minha encarnada libré bordada a oiro. Outro lacaio me seguia levando em outra bandeja gelados e agua dulcificada com essencias nunca provadas de suavissimo sabor.

Via passar junto de mim, levadas pela voluptuosa embriaguez do baile, todas as diferentes bellezas da terra; porém, cada uma d'aqueellas mulheres era mais bella do que o que é dado sel-o a mulher alguma terrena. Alli se via a filha do Norte, de tez ligeiramente rosada, olhos celestes, loura cabelleira, semelhante a uma aureola dourada; junto a ella, com o seu trajo de riquissima cachemira de vivas cores, a brahmane da India com a cutis levemente bronzeada e

os olhos fendidos á maneira dos personagens dos leques chinos; tambem alli se encontrava a orgulhosa mandarina do Celeste Imperio, com o seu estranho vestuario e bailando entusiasmada, apezar da pequenez de seus pés; nem faltavam n'aquelle extraordinaria assemblea a filha da Abyssinia, assemelhando uma formosa estatua de marmore negro, e a filha das antigas raças americanas, meio nua, e cobertos os braços e peito de hieroglyphios de vivas cores; chamavam, porém, sobretudo a attenção, por sua irresistivel formosura, a indolente cecoula, com o seu languido e voluptuoso coquettismo, e a filha das Hespanhas e a da Italia, de tez pallida, cabellos negros, olhos avelludados, magneticos; irresistiveis, e movimentos já preguiçosos, já cheios de viveza e elegancia.

E ao lado de cada uma d'aqueellas mulheres, mais bellas do que o natural, taes como os poetas de seus paizes as sonharam, viam-se tambem valorosos guerreiros, principes, sabios, trovadores dos diferentes climas. O fato preto do europeo, confundia-se com o manto branco do brahmane, as variadas cores do vestido do mandarim, com o luxuoso trajo persa e os ricos uniformes cobertos de ouro e brilhantes contrastavam com a vestimenta talar dos africanos.

E, coisa estranha e inexplicavel! a cada uma d'aqueellas mulheres fallava eu, polyglota universal, no seu idiomá, ao offerecer-lhe os doces que levava na bandeja. Quando e como pude aprender tantos idiomas? Como foi dado á minha memoria reter tantas e tão variadas linguas? Problema dificil de resolver!

O baile durou algumas horas. A tempo notei que as luzes começavam a empallidecer; as mulheres pareciam mais ethereas e vaporosas, menos corporeas; os contornos tornavam-se mais fluctuantes e indecisos, e as figuras que minha vista alcançava parecia como que vagueavam no ar ou via-as atravez dos vapores de um sonho. E ao mesmo tempo a musica invisivel, que havia dirigido o baile, ia pouco a pouco apagando os seus melodiosos sons ate chegar a um pianissimo apenas perceptivel. Alguns momentos depois, aquellas formosas mulheres, aquelles guerreiros, principes e sabios se desvaneceram completamente na sombra; a musica extinguiu-se n'um dulcissimo suspiro, e o palacio de gelo sumiu-se inteiramente no silencio e na obscuridade.

Não sei quanto tempo passei sem que chegasse a meus sentidos um som, ou um raio de luz. O que é certo é, que decorrido um espaço de tempo, cuja duração não me é possivel calcular, a vista deven-se-me accostumar ás trevas, ou devêram ter sido dotados os meus olhos da facultade de ver ás escuras, como os individuos da raça felina. Pelo que respeita ao ouvido, não se percebia o menor ruido no palacio de gelo.

Estava na grande galeria que dava entrada para os salões de baile, antes tão esplendidamente ilu-

minados e que n'aquelle momento jaziam em profunda obscuridade. Apalpando-me, para certificar-me se estava accordado, netei que a minha rica libré bordada a oiro, havia sido substituida por uma vestimenta de pelles, tal como as dos escravos russos.

Ao longe, no meio das trevas, via um raio de luz. Aquelle pallido reflexoatraia-me e fascinava-me como o serpente ao pobre passarinho, para saciar a fome, como a chamma à leve mariposa, que n'ella vai queimar as suas lindas azas. O indeciso fulgor chegava-me amortecido pela transmissão ao atravessar varias paredes de gelo.

Orientei-me na obscuridade. Levantei sem ruído um pesado reposteiro de pelles, que servia de porta, atravessei varias salas desertas e cheguei por fim ante uma estancia em que a vista não podia penetrar. Com effeito, a transparencia das paredes achaava-se resguardada por magnificas pelles, brancas como o arminho, que defendiam á vista a santidadade d'aquelle santuario; mas o reposteiro não fechava hermeticamente a porta e por uma fenda deixaya filtrar o raio de luz que alli me havia atraido.

O que existiria n'aquelle habitação? Porque se tinha procurado o segredo e fechado a porta á curiosidade? Estas perguntas, que a mim proprio fazia, unidas ao aguilhão da curiosidade, contrabalançavam o justo temor que aquelle misterio me infundia. Por outro lado, porém, o silencio espantoso que reinava em todo o palacio e o envolvia como um frio sudario de morte, havia-me gelado o coração e aterrado a alma: quiz vencer o panico que me dominava e levantei a cortina de pelles.

Como tinha presumido, grandes alcatisas de pelle de arminho, mais brancas do que as neves do Cáucaso, forravam aquella sumptuosa camara, abrigando-a e resguardando-a dos olhares da indiscripção: pelles semelhantes serviam de tapete, tornando assim aquella estancia um ninho branco. Do tecto pendia, sustentada por tres cadeias de oiro, uma lampada, cuja flamma exhalava um suave perfume e allumiava a estancia com os seus pallidos e tremulos reflexos; no fundo via-se um leito abrigado por grandes cortinas de seda azul celeste sustentadas por uma corôa de ouro adornada de perolas e esmeraldas. Sob aquellas cortinas ouvia-se uma respiração suave e tranquilla. Aquella estancia era o quarto de uma príncipeza.

A curiosidade lutava em meu peito com a idéa do knot, o latego dos escravos; mas por fim a curiosidade venceu o temor.

Afastei com cuidado as azuladas cortinas do leito e apenas pude conter um grito de admiração.

Uma mulher extraordinariamente bella, mais bella do que quantas haviam passado ante meus olhos no baile, dormia com o sonno tranquillo da infancia. Como descrever a opulenta explendidez dos seus cabellos negros, cujas perfumadas tranças chegavam até ao chão? Como pintar aquelle

rosto pallido, de perfeição divina, de linhas magnificas, severas e agradaveis, e aquella bocca pequena e auriro-sada que sorria voluptuosamente no sonno? Algum movimento indiscreto havia apartado um pouco a roupa e podiam-se admirar um collo de alabastro de languida morbidez e uns hombros de marmore que as antigas Venus teriam invejado. Emfim, pendia descoberto um dos seus braços que parecia o da Venus de Milo ou de outra qualquer d'essas obras monumentaes de estatuaria da antiguidade, que são o assombro e todas as idades.

Ha sensações que se não podem explicar, pois são completamente ineffaveis. A vista d'aquelle mulher tão bella no abandono do seu sonno causou-me uma d'essas sensações. Sem saber o que fazia ajoelhei junto do leito, tomei-lhe a mão e levei-a aos labios.

Ao fogo ardente do beijo a príncipeza abriu os olhos. A estatua adquiriu animação; aquelle corpo tão formoso pareceu volver á vida, o seu rosto tomou a expressão do temor, e aquelles olhos rasgados, irresistiveis, magneticos, e por cuja pupilla de preto velludo julgaria ver o infinito, fixaram-se aterrados em mim. Por fim convenceu-se de que não era um sonho o que via e seus labios deixaram escapar um grito de angustia.

Continua

O MUSICO ENRAIVECIDO

Caricatura de Hogarth

Já n'este jornal se esboçou rapidamente a physionomia artistica d'este notavel pintor inglez, cuja indole observadora dotou a Inglaterra de um verdadeiro monumento, porque não podemos considerar d'outra fôrmâ a verdadeira «Comedia humana» que as suas obras constituem.

D'essa «Comedia humana» possuimos algumas folhas, que iremos sucessivamente apresentando aos nossos leitores. Já uma apareceu n'este volume do *Panorama*; essa gravura, que se intitulava o *Infeliz Poeta*, era um drama pungente, que palpilava sob a mascara do riso, era uma d'essas risadas á Molière que occultam profundas agonias.

Mas a vasta obra de Hogarth abrange todos os sentimentos, todas as inspirações que pôdem salteiar o poeta ou o pintor comicó. Se além solta a gargalhada ironica, e inscreve com o buril, que tem um não sei que da pena de Juvenal, um protesto amargamente zombeteiro contra os decretos do destino, aqui observa fria, sagaz, anatomicamente o corpo social e expõe bem visiveis as pustulas que o ulceram. Outra coisa não é essa magnifica serie, que se intitula o *Casamento da moda*, outra coisa não é a *Vida de um devasso*, e a *Vida de uma devassa*, comedia de observação, estudo á Balzac, modelo que ha de inspirar Gavarni.

Outras vezes a travessa inspiração do *vaudeville* vem-lhe guiar tambem o buril com que desenha os seus poemas satyricos. Apanha em flagrante um ridiculo inofensivo, uma situação comicá; apoderar-se d'elle um riso inextinguivel, e, malicioso já e

não sarcástico, reproduz a cena, onde encontrou a inspiração da comédia.

É este o caso da gravura, que hoje apresentamos aos nossos leitores.

Quem não tem sentido milhares de vezes, n'esta tumultuosa Lisboa, a tentação irresistível de se entregar a uma d'essas fúrias, que serviram de as-

sumpto á veia comica do satírico inglez, quando o realejo da esquina móe infatigavelmente as peças de musica do seu repertório, quando a corneta de chaves de um *virtuoso* de praça publica matiza de variações impossíveis as arias mais singelas, os hymnos menos empolados, quando o bando dos toiros passa formando com os instrumentos mais contra-



dictórios o acompanhamento da parte cantante, que é desempenhada pelo bombo, quando os pregões se cruzam, se confundem, se atropelam vibrando discordantemente por esses ares, qual de nós não sentiu ainda, repito, a tentação irresistível de descer á rua, e de correr a chicote, em nome da har-

monia, esse côro e essa orquestra malditos que o proprio Satanaz repelliria do seu inferno?

Ora se isto acontece ao poeta, que vê fugir-lhe a musa horrorizada d'esse bulício insuportável, ao pensador que vê a sua meditação interrompida por esses cantos *plusquam* infernaes, ao mathe-

te), que confunde a demonstração do seu tópico, graças a esse *charicuri* atroz, ao chynico, cujas reacções são emburradas por esse diluvio de sons, o que não sera quando a desgraçada vítima da tempestade da rua e nem mais nem menos que um sacerdote d'esse mesmo deus vilipendiado pelos lyrics profanos, um cultor entusiasta e apaixonado d'essa musica apedrejada, insultada, victimada pelo realje, pelo bântio, pela cornuta de chaves, e pelos pregões?

Passa-se então a scena, que o malicioso pintor inglez estudeu, e reproduziu com rara felicidade, na gravura que orna este numero do *Panorama*. O infeliz corre à janella com os cabelllos em pe, os olhos esgazeados, aterrado, fulminado, fora de si! E elles, os amaldiçoados, os profanadores, os Hollentotes continuum, grave e imperiurbavelmente, a perpetrar áquelle atrocidade musical. O clamor da victimia é coberto pelo estrondo dos instrumentos de vento. Não se desintumecem as bochechas ao assoprador do figle, não descançam os braços vertiginosos do que maneja as vaquetas, não estaca a torrente de sons, que irrompe do realje! Parece que é elle o profanador, parece que é elle quem vem perturbar a celebração dos augustos mysteries, elle o sacerdote, elle que desejaria escorrer do templo da arte esses vendilhões de musica falsificada!

E o pintor, sorrindo-se maliciosamente, reproduz admiravelmente na tela as diferentes figuras da scena comica. Cada traço do pincel revela o folhetinista; porque, digámol-o com desassombro o *Musico enraivecido* é um verdadeiro folhetim.

PINHEIRO CHAGAS

THEATRO DE D. MARIA II.

II

Corria o anno de 1840. Apes das guerras civis, que ensanguentaram a patria, reluzira por entre tantos negruinhos, a estrella bonançosa da paz e concordia.

As artes e as sciencias iam cobrando alentos nas ruinas fumegantes de uma sociedade carecomida que baqueara sob a influencia potente das novas ideas, que não com o estrondar dos canhões. Havia homens então. E que homens! Os patriotas de 20, 26 e 31, esses perigrinos, piedosos que haviam chorado lagrimas de sangue nos agros do exilio, tambem tinham visto muito, e o pranto, que lhes empanava os olhos, não podia escurecer os mil esplendores da civilisação nas grandes capitais da Europa.

Esses cruzados de uma idea, que haviam deixado-patria e familia para hastearem o pendão da liberdade em um heroico rochedo do oceano, mal foram de volta ao seu paiz, viram que o despotismo nem mesmo encobriria as pastulas no manto do esplendor material. Tudo aqui era mesquinho, homens e coisas. Lisboa não sofrera a menor alteração depois que o grande marquez se afundara nas sombras do sepulcro e da ingratidão.

Lisboa era ainda uma cidade do seculo passado, que era necessário rejuvenescer.

O estrangeiro, afeito às maravilhas da terra natal, ficava pasmido e absorto desembarecendo aqui, n'estas praias cheias de lodo e contemplando os nossos usos e costumes impugnados de nativa barbaria e proverbial sujidade.

Ruins avenças davamos nos a viajantes distintos, e com sobrada razão dizia Byron, em impetos de mal contido desprezo e merecida ironia, que estavamos na Europa e não pertenciamos a Europa. Era necessário fazer tudo, porque tudo faltava.

A transformação fôra rápida e absoluta. Ao despotismo

sucedera a liberdade, ao silencio do carcere o clamor da praça publica, a *Gazeta censurada e tonsurada* o periódico livre, liberrimo, e que em ser desbragado as vezes, impetuoso, tribunício, era puramente oblatas as novas conquistas.

Estes porém não se esfriavam! Um povo que nasce no meio das chamas a voz da liberdade exige muito mais. Ja o não contentam procissões faustosas com os seus rompões de atores e charmeiros e timbaleiros ardilosos.

Outros espetáculos regressam, mais consentaneos do progresso, mais cívicos, mais dignos da liberdade; espetáculos que ao tempo que divirtam sejam de boa lição e doutrina.

Era preciso que a transformação física e moral de Lisboa acompanhasse o seculo, cujas feições se iam pronunciando.

Era preciso que as sciencias se desenvolvessem e as artes encontrassem gasalhado.

Era preciso construir escolas, abrir bibliothecas, levantar palacios, dispor muzeus, fazer estradas, melhorar portos, facilitar mutuas relações de commercio e industria em que a liberdade se espalhasse à vontade, e ao par destes e outros melhoramentos politicos, sociaes, e economicos que os governos iam iniciando, difundir e espalhar lazes pelo povo por todos os modos, porque a liberdade assim como as flores, definha se e morre nas sombras.

E entre esses meios tão variados, posto que desigualmente fecundos, um havia, que quasi nos faltava em Portugal. Era o theatro, essa escola de costumes, esse paladio de verdade, esse foco de luz, esse destruidor de preconceitos, esse facho que brilhara nos panthons da Grecia e nos circos de Roma, essa religião, que tem por patriarchas e apostolos os maiores genios da antiguidade: Eschylo, Euripedes, Plauto, Terencio e tantos outros; o theatro em cujo tablado se representaram na idade media sollemnes mysteries, domínio glorioso de histriones e jográs que diziam tantas verdades aos poderosos da terra, elemento robusto de renovação nas mãos da Chakspere, Moliere e Allietri, campo neutro aonde as ideias fecundas se aninhavam para depois esvaecarem sobre a humanidade, area santa de oprimidos e phylosophos, templo em cujas abobadas retumbavam gargalhadas de folião de envoita com grandes principios e grandes verdades, alavanca poderosissima de revolução, espelho fiel, aonde se reflectem em toda a sua hedioudez os vicios mal disfarçados com a mascara da hypocrisia. Era o theatro que nos faltava, além do muito que trinta annos de fadigas e trabalhos ainda não puderam conquistar. Os brios porém de um povo, que ansiava sair do antigo torpor, não consentiam essa macula. Como não corar de pejo e vergonha ao entrar esse edifício informe da *Rua dos Condes*, que a nossa soberba pobreza tinha aleijado de *theatro normal*? Como havímos de responder ao sorriso de commiseração e desprezo do estrangeiro, que assistisse a representação de um drama nacional em tegurio tão immundo e indigno?

Construir um edifício sumptuoso, que fosse templo da arte dramatica era pois instante necessidade. Pertencem as honras do commettimento a Joaquim Larcher, então governador civil de Lisboa (1836 e a Almeida Garrett, o dramaturgo nacional, que ao passo que cuidava do edifício material, não descurava o augmento da arte, antes proponha e creava o conservatorio real e a inspecção dos theatros.

Comega aqui uma longa série de luctas e desenganos, que assoberbaram outro que não fôra o restaurador das letras patrias e os seus não menos robustos sequazes e amigos.

Escolheu-se o palacio da inquisição, ou antes as suas ruinas para local do projectado theatro, e o architecto Chiosi fez um risco tão economico e comezinho, que não exigia a execução d'elle mais de vinte e quatro concertos de reis.

Esses mesmos porém faltavam, apesar de continuados esforços.

Nomeou-se depois uma commissão que tinha por encargo angariar uma companhia de edificação; escolheu-se a cerca do coavento de S. Francisco, mas tantas e tão variadas foram as opiniões, tão discordes os alvitres, que não houve apaziguar os contendores.

Veio então a combate o sr. conde do Farrobo, esse protector convicto das artes e artistas, que hoje ahi está, pobre e desamparado, vítima da pátria ingrata e de patriotas mais ingratos ainda. O sr. conde do Farrobo cujo nome andava ligado ao theatro de S. Carlos, oferecia-se a construir o theatro nacional sob certas condições. Baldo porem foi ainda este esforço.

Não esmoreceu comodo Almeida Garrett, que tinha por irmão de armas em tão santa cruzada, outro poeta grande tambem, amantissimo das coisas patrias—Antonio Feleiciano de Castilho.

Almeida Garrett, deputado da nação, apresentou um projecto de lei 6 de novembro de 1840 que tinha por fim erigir o monumento à arte nacional. Devia o governo dar o terreno e parte dos materiaes correndo as outras despesas à conta de uma companhia, que só fruia os reditos da sua obra em certo prazo de tempo, passando depois o theatro a ser propriedade nacional.

Mas ainda d'esta vez venceu o mau fado, que perseguia o nosso theatro.

Correra cerca de um anno. Os caixas do contrato do tabaco offereceram quarenta contos se porventura lhes tirassem o encargo de empresarios do theatro lyrico.

Approvada e aceita esta proposta a esforços de Joaquim Sanches, então inspector dos theatros, approvado tambem o risco do italiano Fortunato Lodi e creada nova comissão, começaram os trabalhos em julho de 1842, e ainda não eram corridos quatro annos, abriu-se o theatro em abril de 1846, no dia natalicio da rainha D. Maria II, cujo nome foi dado ao novo theatro, representando-se o drama *Alvaro Gonçalves, o Magriço ou os doze de Inglaterra*.

Querer descrever miudamente o edifício, tanto por fora como por dentro é obra demasiado longa e porventura mais adequada a um jornal technico do que ao *Panorama*.

Contentar-me-hei por isso em fazer rapida descripção do novo theatro normal, indicando os topicos principaes que convem não ignorar.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

Continua.

VIAGEM À LUA

Apólogo por Linneu

Aconteceu que uma vez os sete sabios da Grecia, reunidos em Athenas, querendo decidir qual era a maior maravilha da criação, resolveram que cada um por sua vez exposesse o seu parecer á cerca do assunto.

O primeiro que falou, sustentou que nada havia de mais maravilhoso que as estrelas: na opinião dos astronomos, a maior parte eram soes em roda dos quaes giravam mundos contendendo, como a terra, plantas e animaes, mas de formas estranhas e desconhecidas. Excitados por esta perspectiva, os sabios supplicaram Jupiter lhes permitisse visitar o planeta mais proximo, a lua. Não estariam lá senão tres dias e viriam contar aos homens os prodigios que vissem n'aquelle mundo desconhecido. Jupiter deferiu-lhes o requerimento e marcou como ponto de partida o cimo de uma elevada montanha onde uma nuvem os devia esperar. À hora indicada apresentaram-se, acompanhados de artistas e poetas encarregados de pintar e descrever as suas descobertas.

Depois de terem rapidamente atravessado o espaço ethereo, chegaram á lua, onde acharam um palacio preparado para recebel-os. No dia seguinte, estavam tão cansados da viagem que acordaram ao meio dia. Foi-lhes servido, para recuperarem forças, um succulento almoço, do qual tanto se aproveitaram que a sua curiosidade diminuiu consideravelmente. Neste dia entreviram atravez das

janellas um delicioso paiz, coberto da mais rica verdura e de flores de rara belleza; ouviram o melodioso gorjeio dos passaros e prometteram levantar-se na madrugada seguinte, para darem começo ás suas observações. Mas no segundo dia, quando iam para sair de casa, um bando de dançarinos e dançarinhas embargou-lhe o caminho. Um segundo banquete, ainda mais lauto que o primeiro, estava servido. Vinhos raros, musica, danças: tudo convidava ao prazer; ficaram preses. De repente, vizinhos invejosos perturbaram a festa, precipitando-se armados na sala do festim. Travou-se a lucta; os sabios tomaram parte n'ella e os invasores ficaram vencidos. A justica teve o seu curso, e o terceiro dia foi absorvido inteiramente pelos inqueritos, replicas e sentença; de modo que o tempo concedido por Jupiter expirou, e os sete sabios voltaram á Grecia, cuja população correu logo ao seu encontro, avida de noticias da lua.

O que os sabios poderam dizer é que era um excellente paiz, coberto de verdura, matisado de flores, e onde os passaros cantavam a arrebatar. De que natureza eram esta verdura e estas flores? Como eram estes passaros? Não sabiam a tal respeito nem uma palavra.

DANIEL RICHARD

Já o seculo XVII estava bastante adiantado, ainda os bravos habitantes de Locle se contentavam com os quadrantes solares para medir o tempo.

Em 1679, porém, um curioso, que para alli foi residir, levou um relogio de Londres. Grande maravilha foi esta, para aquella gente, porque dentro em pouco tempo o fabrico dos relogios tornou-se quasi que a sua unica industria! O relogio desorganisou-se; o seu dono confiou-o a um habitante de Sagne, cuja destreza e genio empreendedor, sem duvida, conhecia. Daniel João Richard (não se encontra este nome nas biographias) teve seis meses o relogio em seu poder; mas não o guardou inutilmente para si e para o seu possuidor: n'este curto espaço de tempo, tinha estudado o complicado mechanismo, e havia inventado a serie de utensilios necessarios para reparar a famosa machina ingleza. Ainda não tinham decorrido, depois d'isto, outros seis meses, já Daniel Richard se achava habilitado para fabricar o relogio mais complicado. Fez mais: tinha o genio que inventa, e a paciencia que aperfeiçoa; adquiriu grande somma de conhecimentos, e depois dirigio-se a Genova, aonde estudou. Estudar, era trabalhar para o bem dos seus patrícios e estes, com effeito, aproveitaram: pacientes como elle, como elle se enriqueceram. Além d'isso, Richard tinha cinco filhos, herdeiros de seus talentos, e por quem o ensino era dado a todos. Assim se povoou aquelle cantão de relojoeiros.

Daniel Richard morreu em 1741. Mas, porque se calam a seu respeito as biographias? É porque se não leem as cartas de Coxe sobre a Suissa, onde se acham consignados, mil factos curiosos: é alli que se encontra a historia d'este habil industrial.

À MORTE DE MANUELA REY.

Permitte que em soluções eu deponha
Também uma saudade, ó alma bella,
No teu funebre leito!
Se á flor da prantos a manhã risonha,
Eu dou-te a flor, — ai! pobre Manuela! —
Mais triste do meu peito!

Nenhuma aos pés te arremecei outrora,
Em vida, quando meiga no proscenio
E ardente de paixão,
Sentia toda a luz da tua aurora,
E a suave fragrancia do teu genio
Descer-me ao coração!

Nenhuma! Acaso pode humilde planta
Roçar com seus perfumes o empireo,
Dos orvalhos em paga?
O verme que do po se não levanta
O nectar retribue ao doce lirio
Que um dia o embriaga?

As almas como a tua são um canto
De frescas, de continuas melodias,
Um arrulho d'amor!
Orvalho solto do azulado manto
Naridez glacial de nossos dias
Sobre pallida flor.

Foi bello o ver-te, sim, gentil creança,
Nas azas do teu genio erguida acima
Das tormentas da sorte;
Qual a ave que n'um vôo se abalança
Por entre os vendavaes, e se aproxima
Da luz que tem por norte!

Foi bello e grandioso! Não se exprime;
Mas eterna lembrança em nossa vida
Ficou do que era teu;
Quando o ethereo, o intangivel, o sublime,
Moldavas na palavra traduzida
Em canticos do céu!

Da santa inspiração o beijo casto
Depoz-te Deus na fronte; e a luz divina,
Que em bém poucos se ateia,
Brilhou em ti, e um horizonte vasto
As ambições da gloria que fascina,
Sém veu se patenteia.

Tiveste só aurora! mas bem raro
Tão risonha manhã d'um bello dia
No céu assim reluz!
Não se diga que Deos te foi avaro!
No teu celeste alvor se resumia
Um futuro de luz!

Aos grandes só, sómente aos escolhidos
Concede n'este mundo a providencia
Tal dom e tal baptismo!
São o bello: — nós somos os sentidos.
Apenas somos pó: — elles essencia.
São o céu: — nos o abysmo!

Que tem que elles não tenham por cortejo
A gloria só? Que sempre lhes decline
O sol, quando em manhã?
Que tem que a febre estampe o ardente beijo
Um dia em Millevoye, n'outro em Bellini,
Se a luz é sua irmã?

O genio d'esses taes, centelha errante,
Baqueia, mas apoz deixa um vestigio
De eterna claridade;
E os crentes do ideal, a cada instante
Evocam sempre o divinal prodigo
Nas lyras da saudade!

Assim, ó anjo louro e pensativo,
Aos ecos do triumpho abrindo o espaço,
Levou-te o vendaval!
Mas nós, ainda apoz o vôo altivo,
Sentimos n'alma um luminoso traço
De luz celestial!

GUILHERME DE AZEVEDO.

CAUSERIES

Versos a Angelica

— Quando ás horas do sol posto
vés o dia desmaiar,
!sempre triste a meditar,
sempre as lagrimas no rosto!

— Escuta, são as lagrimas
um peso que sai d'alma,
e que—celestes balsamo—
nas ulceras se espalma...

— Mas em faces, cujo encanto
rochas pôde commover,
doe me tanto, linda, o ver
a cair em fio o pranto!...

— Também da noute o róscio
orvalha a linda flor,
e a flor não pende languida,
nem perde a viva cor.

— Mas se a noute assim espalha
sobre a rosa o seu frescor,
qual a noute, branca flor,
que de lagrimas te orvalha?

— Não é a noute! — volta-te
alem para o occidente:
choro aos adeuses ultimos
do astro resplendente.

— Oh! não chores, que se o astro
ao seu leito desce ja,
amanhã te sorrirá,
branca estatua de alabastro.

— Mas quando sobre os pincaros
do monte repontar,
quem sabe se inda Angelica
tu saberás amar?!

— Murche embora o lirio na haste,
fuja o sol, toldem-se os ceus...
é eterno como Deus
este amor que me inspiraste.

Vizeu, 1866.

CANDIDO FIGUEIREDO.

SEM TITULO

Viste ao serão a douda borboleta
volitar descuidada,
e arder depois na luz... Tiveste pena
e disseste:—coitada!

E eu que a toda a hora ardo nas chamas
d'esse olhar adorado,
oh! quando te ouvirei compadecida
dizer tambem:—coitado!

Vizeu 1865.

CANDIDO FIGUEIREDO.